

# economia & história



## Angus Deaton Repensa a Pesquisa em Economia

RÔMULO MANZATTO (\*)

Angus Deaton não nega as muitas realizações da pesquisa econômica nas últimas décadas. Deaton reconhece os consideráveis avanços do conhecimento coletivo na pesquisa em economia, frutos do desenvolvimento da teoria econômica assim como da evolução de novos métodos e técnicas de pesquisa empírica.

Isso não impede, contudo, que o veterano economista soe um alarme. Para Deaton, há sinais preocupantes de que a pesquisa em economia enfrenta problemas graves. Um deles consiste na falha coletiva de economistas e pesquisadores em prever a crise financeira de 2008.<sup>1</sup>

Ainda pior, cita Deaton, parece ser o fato de que a pesquisa em economia pode ter contribuído

para a piora da crise econômica ao promover uma crença exagerada na eficiência dos mercados, especialmente na suposta eficiência dos mercados financeiros.

Deaton não é o primeiro a chamar a atenção para esses pontos, mas sua trajetória faz com que o alarme soe mais alto. Nascido na Escócia em 1945, Angus Deaton recebeu o prêmio Nobel de economia de 2015 por seus trabalhos de pesquisa sobre a dinâmica do consumo, assim como os determinantes da pobreza e do bem-estar.<sup>2</sup>

O prêmio de 2015 veio coroar uma trajetória de pesquisa iniciada na Universidade de Cambridge, na Inglaterra, onde cursou a graduação e obteve seu título de PhD em economia. Os primeiros trabalhos de

maior repercussão de Deaton são da década de 1970, quando ocupava o posto de professor de econometria na Universidade de Bristol, também na Inglaterra. Os anos seguintes trariam um prolífico período de pesquisas em Princeton e um emprego no Banco Mundial.

A partir da década de 1980, Deaton ampliaria suas contribuições para o campo da Economia do Desenvolvimento, abordando de maneira original a questão da “armadilha da pobreza” identificada nos modelos tradicionais de desenvolvimento econômico. Em seguida, não deixaria de se engajar nas discussões sobre o aumento de desigualdade econômica e sobre os efeitos negativos da ajuda externa nas trajetórias de países de menor renda.<sup>3</sup>

É esse percurso acadêmico que confere maior peso às críticas de Deaton à pesquisa em economia como praticada em seus principais centros, departamentos e universidades. A partir daí, o veterano pesquisador admite que tem revisito muitas de suas crenças, o que o leva a apresentar, de maneira sintética, as principais falhas que assolam o campo da economia, expostas por Deaton em torno de cinco eixos principais.

O primeiro deles diz respeito à relação entre a economia e o exercício do poder. Deaton acredita que os economistas das correntes chamadas *mainstream* têm enfatizado excessivamente as virtudes do livre mercado e dos avanços tecnológicos exógenos. Isso fez com que essas abordagens tenham praticamente ignorado a importância das relações de poder na determinação dos níveis salariais, dos preços de mercado e no desenvolvimento de tecnologias produtivas que impactam o nível de mão de obra.

De maneira ampla, Deaton agora afirma que as relações de poder é que determinam as regras do jogo a ser jogado pelos mercados, o que leva o Prêmio Nobel de 2015 a concluir que a análise das relações de poder constitui um requisito fundamental para compreender boa parte dos atuais aspectos do capitalismo moderno.

O segundo eixo trata da relação da economia com a filosofia e a ética.

Deaton acredita que o pensamento econômico atual praticamente abandonou a reflexão ética. Ao fazer isso, a pesquisa em economia acabou por distanciar-se de uma forma de pensar os sistemas econômicos que aproximou autores tão díspares quanto Adam Smith, Karl Marx, John Maynard Keynes, Friederich Hayek e Milton Friedman.

Deaton vai além, afirmando que os economistas de orientação *mainstream*, na qual ele se inclui, teriam simplesmente abandonado a reflexão ética e o questionamento sobre os diferentes significados de bem-estar. Em termos fortes, o Nobel de Economia chega a dizer que os economistas das correntes majoritárias se tornaram tecnocratas que focam apenas aspectos de eficiência.

O terceiro ponto destacado por Deaton diz respeito à supervalorização dos critérios de eficiência na pesquisa econômica. O economista questiona a definição, amplamente aceita, de que o estudo da economia consiste na alocação eficiente de recursos escassos. Relembra, ainda, a definição alternativa de Keynes, segundo o qual o problema principal da economia seria o de reconciliar a eficiência econômica, com a justiça social e a liberdade individual. Deaton acredita também que nas últimas décadas os critérios de justiça social se tornaram demasiadamente subservien-

tes aos critérios de eficiência de mercado.

O quarto eixo aborda a visão de Deaton sobre a limitação dos atuais métodos empíricos. Com uma extensa trajetória de pesquisa empírica, Deaton acredita que as principais técnicas empíricas atuais, como os experimentos aleatórios controlados, o método de diferenças em diferenças ou os diferentes tipos de regressão apresentam um foco excessivo na estimação de efeitos locais, deixando de lado a investigação de mecanismos que atuam mais lentamente, em outra escala de tempo.

Aqui, Deaton dá crédito às abordagens conduzidas por historiadores, que parecem compreender melhor o efeito de múltiplas contingências e causalidades sobre seu objeto. Isso leva o economista a concluir que os historiadores costumam se sair melhor do que os economistas quando se trata de identificar mecanismos que sejam plausíveis, interessantes e que valem a pena ser levados em consideração, mesmo que não atendam a todos os critérios inferenciais exigidos pela pesquisa empírica atual.

O último ponto tratado por Deaton fala sobre modéstia. O autor acredita que os economistas, de fato, desenvolveram poderosas ferramentas analíticas para interpretar a realidade; no entanto, também crê que seria bom que os membros da profissão reconhecessem que

seu método demanda premissas que não são válidas em todas as circunstâncias.

Deaton passa, então, a questionar premissas que boa parte dos economistas de sua geração tomavam como verdades. Assim, o economista escocês agora reconhece a importância dos sindicatos na manutenção de boas condições de trabalho e bons salários dos trabalhadores. Deaton vai mesmo além, afirmando que os sindicatos constituem parte importante do capital social. O economista também não deixa de criticar as iniciativas globalizantes que levaram a aberturas agressivas de mercado e à desorganização de setores produtivos em escala nacional.

Por fim, Deaton diz acreditar que os economistas poderiam se beneficiar de um maior engajamento com as ideias de filósofos, historiadores e sociólogos, que, por sua vez, também se beneficiariam de uma interação maior com a pesquisa em economia.

## Referências

---

DEATON, Angus. Rethinking my Economics. **Finance & Development**. International Monetary Fund, v. 61, n.1, March 2014.

MANZATTO, R. George Akerlof e o pecado da omissão na pesquisa em economia. **Informações Fipe**, São Paulo, n. 494, p. 70-73, nov. 2021.

WALKER, Peter J. Escape Artist - Peter J. Walker profiles Angus Deaton, who pioneered approaches that connect the dots between theory, measurement, policy, and people's lives. **Finance & Development**. International Monetary Fund, v. 55, n. 1, March 2018.

---

1 Em edição anterior de *Informações Fipe*, apresentei algumas das críticas de George Akerlof a atuais práticas dominantes de pesquisa em economia. Ver Manzatto (2021)

2 Ver: <https://www.nobelprize.org/prizes/economic-sciences/2015/summary/>

3 Sigo o perfil de Deaton traçado por Walker (2018)

(\*) Economista (FEA-USP) e mestre em Ciência Política (DCP/FFLCH-USP). (E-mail: romulo.manzatto@gmail.com).